

Promotorando...

Creio que o verbo promotorar seja um neologismo meu. Certeza, não tenho, mas, volta e meia eu invento algum e, tal forma verbal a trago na mente há décadas. Verdade, que não por escrito, mas, apenas *in cogitatio*, isto é, no meu foro íntimo. Promotorar, para mim, será um modo informal e intimista - nunca ostentável em modo solene -, de se dizer que o membro do Ministério Público está a vivenciar, em dado momento, alguma qualquer atividade própria de seu cargo e função como promotor de justiça, seja na Promotoria ou, em qualquer lugar, mesmo no recinto lar, pois, estar promotorando é um modo de vida psíquica, uma maneira de ser, que se estabelece na pessoa desde o momento em que é empossada na carreira. É qual uma marca, um selo. Determina seu modo de pensar e de falar, de agir e de ser. O promotor desperta, passa seu dia e dorme promotorando. Não é apenas uma função em tempo integral, como se define por lei e é magnífica garantia pessoal, profissional e social. É, também, um modo integral de se viver. A natureza do promotor, da promotora, parece-me, fica enobrecida, enriquecida com o cargo e obrigações, deveres e afazeres. Passam a incorporar sua mente, o seu todo. Não é um “*ter o rei na barriga*”, nada disso. É, sim, uma condição inerente de poder público e consequentes deveres, ostensivos, marcantes e, os quais, todavia, não retiram por si mesmos a simplicidade da alma e, antes, a sublimam. Enfim, se vive, então, essa belíssima fruição. Como nem mesmo o gozo das merecidas férias nos arranca da alma e da pele tal condição é justamente, num período desses, que vamos encontrar os nossos personagens desta crônica, isto é, reunidos, formando pequeno grupo em pleno tempo de férias, mas, sempre “promotorando”. Advirto ao prezado leitor que, apesar do inusitado, o que adiante segue não é um conto. É crônica. Aconteceu. Pois bem, vamos ao relato disto.

Chegados os dias de verão, no curtir das férias e, visando fugir do seu cotidiano, da mesmice das costumeiras moradias e paredes, ruas e edifícios e, buscando descansar suas cabeças e corpos de suas lidas forenses, dos trabalhos e dos estudos, muitos membros do Ministério Público catarinense, com familiares ou amigos, saem em busca de algum paradeiro temporário, onde possam repousar, restaurar as energias, esfriar as mentes. Uns, vão para o estrangeiro. Outros, buscam os agradáveis hotéis-fazendas ou sítios, nos campos, encostas ou montanhas. Na sua maioria, porém, acorrem aos balneários praiheiros, alguns dos quais se tornam, então, lugares de encontro da classe. Podemos topa com eles, então, em diversos afazeres amenos, tais o estarem passeando ou, fazendo compras, mesmo se dedicando a realizar pequenos consertos, mas, via de regra, todos também indo às praias, fazendo presença nas areias e, comprovando o acertadíssimo dito do criminologista Enrico Ferri, no sentido em que o Sol é o grande regenerador do corpo e do espírito. Na parte vespertina, entretanto, é comum que alguns deles (à recuada época em que o fato aqui narrado se deu, eram predominantemente homens) se busquem mutuamente ou, encontrando-se, por exemplo, nos bons bares ou lanchonetes disponíveis e por eles eleitos e, nos quais os colegas, combinadamente ou por impulso, calorosamente se reúnem. Em tais colóquios nós, os mais jovens, ouvíamos dos veteranos verdadeiras aulas de prática jurídica. De como conduzir, de melhor modo, os trabalhos diversos. Dos cuidados a tomar, no exercício da profissão. Rodeávamos, especialmente, àqueles afamados por suas atuações perante o Tribunal do Júri. É claro que, por vezes, os veteranos é que aprendiam com os novatos, até porque no Ministério Público se constata um misterioso, sublime irmanamento de seus membros, gerando-se um vínculo espiritual semelhante ao familiar e que faz, dessa, a mais encantadora das profissões civis. Devo acrescentar que, à época, não fora ainda desenvolvida a Informática e, cada qual ingressava na carreira e a levava adiante conforme o seu próprio *background* e, com seus próprios recursos, tais os livros, arquivos, papéis e, é claro, a indispensável máquina datilográfica, pois, era tempo em que o Ministério Público não gozava de autonomia financeira, sendo o apoio material bem precário e, desse modo, maior era a necessidade de os membros se municiares mutuamente, trocando informações. É o que faz, agora, esse grupo informalmente reunido. Vejamo-lo.

A cena que adiante descrevo, se passa em mesas de um bar praieiro, sitas ao ar livre, em concorrido balneário catarinense e, onde podemos ver vários promotores de justiça reunidos. É um encontro tipicamente feliz. Quase todos já se conhecem. Alguns dos mais novos, vindos de concursos mais recentes, são trazidos e apresentados por veteranos. Sou um deles. Há abraços, sorrisos. Indagam-se, mutuamente, das famílias, das suas viagens e, é claro, também dos respectivos serviços. Todos estão muito alegres, animados. Enquanto proseiam, vão aperitivando, ingerindo as bebidas preferidas. Cada qual parece cheio de novidades para contar e, também, muito disposto a ouvir. Pois bem, agora já se abraçaram os velhos amigos e, já foram apresentados e, cumprimentados, os colegas que tinham pouco tempo na profissão. Também, já prosearam sobre amenidades. Nesse ponto, um deles indaga de outro sobre determinada atividade funcional do mesmo e, a qual tivera bela repercussão no Estado e, o tal faz sucinta exposição de como se dera seu louvado serviço, recebendo parabenizações dos circunstantes. Segue o grupo proseando, agora, sobre as respectivas atuações perante o Tribunal do Júri. Também, comentam do ineditismo de certos crimes. De tendências jurisprudenciais. Falam de pareceres importantes, em mandados de segurança. De leis novas, de importantes reflexos em nossa atuação profissional. De seus empenhos pessoais como curadores natos, em campanhas em prol de menores, de registros públicos, de questões sociais, bem como, quanto aos que são também professores, de suas experiências no setor do ensino. Enfim, conversas muito produtivas, instrutivas e práticas. Vemos, por elas, que os colegas planejam e criam realidades. Dá gosto ouvi-los. Dentre os promotores de justiça, posso ver um ainda novo nos anos, embora já com certo tempo de carreira. Noto que o tal fala pouco, embora se perceba que escuta atentamente e, por vezes, mesmo aparteia e, de modo bastante inteligente. Não me parece seja arredo, nem taciturno. Creio seja, tão somente, novo no grupo. Provavelmente, porque não vinha antes veranear onde agora estamos e, pouco frequentava este bar. Dá-se agora, todavia, que um dos colegas mais antigos, sendo mais tarimbado nesses encontros ocasionais e, por pretender, talvez, entrosar mais ao referido colega na prosa, segurando-o pelo ombro, invoca um seu testemunho, o anunciando ao participativo grupo, dizendo em tom alto e exclamativo:

- Agora, amigos, proponho que ouçamos a este caro colega promotor! Ele milita em uma região pioneira do Planalto, distante de nosso litoral e onde, segundo dizem, pelas noites, as onças ainda rondam as casas... (Risos!). Deve conter, nessa sua bela cabeça, uma riqueza de informações para nos transmitir! Há de ter passado por situações muito interessantes! Acho que, se concordar, poderá compartilhar isto conosco. Quem sabe, até nos diga algo que nos faça rir.

A isto, os demais o secundaram vivamente, cobrando do colega:

- Sim! Isso aí! Conta! Conta!

E, o promotor de justiça, não se fazendo de rogado e, aliás, todo sorridente e, se abrindo como gaita campeira saiu-se, para minha surpresa, com essa beleza de história. Adianto-lhes que seu vocabulário tem, aqui e ali, uma pitada de gauchesco e planaltino. Ouçamo-lo, pois!

- Obrigado, colegas, pela deferência! Bueno, na verdade, bastava-me a alegria e o proveito de estar aqui a ouvi-los, todavia, como me foi dada a vaza para assumir a palavra, disto participo com gosto. Não se rejeita cavalo que passa arreado. Nem julgo possuir o direito de abster-me, visto que, por princípio constitucional, o Ministério Público é uno e indivisível e, por isso, o que um de seus membros experimenta profissionalmente, a todos pertence. Realmente, vivenciei diversas situações, curiosas umas, dramáticas outras, nas comarcas em que exerci o cargo, como naquela onde atualmente milito. Lhes contarei, sim, um caso singelo, pero, para lá de interessante,

tchê! Peço que se segurem na vontade de rir, pois, foi tudo no sério. Também, para que possam compreender melhor minha postura profissional, na tentativa da solução do problema com que me defrontei e, o qual envolve ciências do psiquismo, faço-lhes um preâmbulo para dizer-lhes que, ainda jovem nos anos, me apegando, avidamente, a obras de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Viktor Frankl, Alfred Adler e outros cientistas da mente, tais leituras me despertaram tão forte paixão que, já antes dos tempos de acadêmico e, mais ainda nele, cuidei de amearhar razoável coleção própria de obras a respeito, estudando-as com prazer e curiosidade. Assim é que, ainda um gurizote, mergulhei com gosto no livro *25 Anos de Psicanálise*, do Gastão Pereira da Silva e, anos depois, na *Psicopatologia Forense* e no *Compêndio de Psiquiatria*, ambos do médico José Alves Garcia. Nesse mesmo afã pelas coisas da vida psíquica participei, com bom proveito, de um curso extracurricular de Medicina Legal, com aulas ministradas por renomados mestres e médicos-legistas, caso do culto e gentil psicólogo forense e psiquiatra Dr. Napoleão Teixeira e, de diversos outros luminares, dentre os quais o afamado Dr. Hélio Gomes, o qual fumava um charuto tão fedorento e, insuportável, que espantava para longe quem estava nas primeiras fileiras, isto tudo, porém, sem prejuízo do enorme prazer em ouvi-lo. Bah! Aqueles homens eram um espanto! Enfim, atento às lições de tais mestres e, equipado com boas obras psicológicas, psicanalíticas e psiquiátricas e, mesmo de serviço social, em minha modesta estante, uma vez concursado como promotor de justiça julgava-me, assim, apto para constatar, no menos a nível de entrevista de ajuda, bem como nos processos judiciais sob meus cuidados, eventuais casos em que se convinha recorrer aos ensinamentos de tais ciências, podendo, assim, me sair profissionalmente melhor e, por consequência, sendo mais justo e mais útil para com os envolvidos. Dou-lhes um exemplo. Certa feita, em uma audiência, uma senhora que estava sendo interrogada, desabou pesadamente, caindo no chão em convulsão, ficando ali, encurvada sobre si mesma, babando e, passada tal crise, adormeceu profundamente. Ora, colegas, tanto o juiz quanto os demais presentes temeram tocá-la, julgando tratar-se de doença contagiosa. Eu, porém, logo identifiquei tratar-se de um ataque de disritmia cerebral, fui em socorro dela, protegendo sua cabeça, tranquilizei-os de que não havia risco para eles e, mesmo, que o sono dela poderia ser prolongado, pelo esgotamento físico. Recomendei que se a levasse para lugar confortável e, a seguir, levada ao médico e que, no mais, fosse a ouvida dela marcada para um outro dia. Todos, na ocasião, admiraram minha atitude, me elogiaram, agradeceram. Porém, colegas, que estou dizendo? Imagino que vários de vocês tiveram, a respeito, ainda mais preparo que eu que, nisto, não passo de um cavalo de padeiro, fazendo as coisas por imitação. Pero, pois bem, foi com esse meu espírito de analista improvisado, que me encontrava certa feita em meu gabinete no prédio do fórum e, não havendo audiência judicial designada, estava mergulhado nos trabalhos internos da Promotoria, ao mesmo tempo em que disponível para receber quem me procurasse, momento em que a porta foi aberta por um senhor que, adentrando respeitosamente no recinto, o dedo erguido, como que para pedir-me licença, se anunciou, dizendo solene e curtamente:

- *Eu sou um Sputnik!*

- Mas, bah, amigos! Segurem o riso! Eu, jamais esperaria por isso. Não, naquele tempo. Hoje, estou mais escolado. Ao ouvir tais palavras, meu primeiro pensamento foi o de que algum gozador, talvez, mesmo algum amigo meu, querendo tirar um sarro na minha cara, orientou a um pobre alucinado a que me viesse consultar e, se anunciasse de tal forma... Todavia, já de relance, percebi que não. Se tratava de uma visita espontânea e autêntica. Seja como for, diante de tal apresentação, tanto inusitada quanto lacônica, me ergui e, levando a simpatia na face, contornei minha mesa e, fui receber em pé àquele senhor, me apresentando e, dando-lhe o meu bom dia e, enfim, buscando ser-lhe agradável. Disse-lhe que era o promotor de justiça e o convidei a sentar-se, para que pudéssemos prostrar à vontade. Ele o fez. Quanto a mim, tornei ao meu assento e pudemos, então, charlar buenamente. Do diálogo que se seguiu dentre nós e, do atendimento de ajuda que lhe prestei, vocês, colegas, serão os meus juizes. Claro, cientes que as Promotorias de Justiça não são, infelizmente, aparelhadas para esse tipo de entrevista. Hay que se improvisar. Aqui, todavia, faço uma paráfrase. Como toda gente sabe, *Sputnik* – em russo, algo como *Companheiro de viagem* -, é como são apelados esses pioneiros satélites artificiais soviéticos. São pequeninos e, giram em redor do nosso planeta, mapeando, investigando. Mesmo a alunissagem dos americanos, em 1969, não lhes retirou a importância do nome. O apelido *Sputnik* permanece, generalizador,

designativo dos satélites artificiais. Caiu no gosto e uso dos povos e, parece, assim permanecerá por algum tempo. De todo modo, estava claro que o meu visitante estava se referindo a ser um deles, não a ser um senhor de nome *Sputnik*, fosse ele russo ou de outra etnia. Se evidenciava nele, portanto, ser portador de problema mental.

Pois, bueno, sem prejuízo da eventual orientação jurídica a ser a ele dada – ainda não lhe indagara a razão da visita -, mas, antevendo ser necessário estabelecer um diálogo de ajuda, decidi verificar como estavam os seus dados psicológicos e, para isso, tratando-o como se, o ser tal objeto espacial, fosse a coisa mais natural do nosso Universo indaguei-lhe, assim, no mais, sobre se era ele um *Sputnik* russo ou americano, visto que apenas esses dois povos, ao que se sabia, já possuíam tais artefatos em uso. A isso, o consulente não titubeou e, me respondeu de pronto, declinando o que considerava ser sua procedência:

- *Sou um Sputnik americano.*

Eis aí, colegas! O meu consulente se julgava um satélite artificial americano. Deixara isso bem claro. Tal pensar, porém, como vocês o sabem, era putativo da parte dele. Uma suposição, mera consideração subjetiva sua. A esse ponto, a um interlocutor inexperiente, poderia ocorrer o pensamento de que, nesse caso, lhe escapava a competência do prestar qualquer atendimento pelo Ministério Público. Na realidade, não era assim. Era evidente que, por trás do pretense objeto espacial, estava um ser humano. Havia ali uma pessoa, que desejava se expressar e, que devia ser ouvida com simpatia e atenção. No mínimo, eu deveria ouvi-lo por um imperativo humanitário. Poderia ele, no mais, querer apresentar alguma queixa. Ele falava. Aliás, corretamente. E, tudo que fala pode prestar depoimento. Até um papagaio pode ser útil, se ouvido por um promotor de justiça. Mesmo em juízo. Enfim, eu estava diante de um *Sputnik* falante e, então, não havia um porque não ouvi-lo. E, se rindo, acrescentou, jocosamente: o fato de eu não ser um engenheiro espacial, não descartava a minha competência para compreender o seu drama, a sua queixa, mesmo que fosse problema mecânico ou de manutenção. Era, ademais, um satélite americano, em solo brasileiro e, poderia necessitar de orientação jurídica, como estrangeiro que era. Talvez, os serviços de um advogado ou, encaminhamento ao seu consulado. Claro, deveria ser ouvida a Polícia Federal (Risos!). O componente humano, todavia, se manifestava brasileiro e, provavelmente, catarinense. Isto atraía minha competência. Ademais, à evidência, meu interlocutor deixava entrever um seu problema que, no mínimo, refletia no seu psiquismo. Cabia-me, pois, empear com o consulente uma entrevista de ajuda, ao mesmo tempo em que examinaria se, nisto, surgiria algum problema jurídico a ser por mim abordado.

Disse-lhes que me erguera e, que contornei minha mesa para recebê-lo. Fiz isto, não só por educação, mas, para poder vê-lo melhor, avaliá-lo estando ele ainda em pé. Sendo muito provável um problema psicológico ou psiquiátrico, importava, de fato, proceder a uma anamnese da pessoa do consulente. Poderia se tratar de simples caso de intoxicação alcoólica, por exemplo. Verdade que, mesmo sentado e, estando do outro lado da mesa, eu poderia examinar isto bastante bem, mas, estando juntos e, em pé, pude considerar melhor como estava sua coordenação motora, suas condições físicas gerais. Pude vê-lo num todo, inclusive, suas vestes. Procedi assim e, fui anotando tudo na mente. Era um senhor de meia idade, muito magro por desnutrição, desidratação ou, por outros fatores. Tinha os olhos fundos, a face encovada. Sua roupa denunciava ser pessoa simples, um colono vindo de algum sítio do município. As botas, surradas, revelavam um trabalhador do campo. No corpo e, nos trajes, um forte odor de palheiro e, o tabagismo se denunciava, também, por suas marcas nos seus dentes e mãos. A magritude de seu rosto, dificultava-me constatar se havia, ou não, o intumescimento por alcoolismo e, contudo, sua pele, por demais amarelada, clamava pelo exame médico, por possibilidades como a hepatite e a anemia ou, estrago da saúde causado por solitária ou, até por um quadro de ancilostomíase. A giárdia, também, é problema sério na região. E, havia enfermidades mentais a considerar. Tirei um tempo do seu rosto, dos seus braços. Nenhum ferimento ou marca, que denunciasse peleia em alguma bolicho de beira de estrada ou, aloito em alguma bailanta em festa do Kerb – estávamos na época da colheita do milho - ou, ainda, por algum entreveiro em algum jogo de *bòccia* ou, por briga dentre apostadores, em alguma das muitas carreiras nas canchas retas,

abundantes nas nossas linhas coloniais. O homem parecia ser mesmo pacífico. Seu aspecto físico e, mesmo seu perfil psicológico, não pareciam revelar, sequer, conflito doméstico ou alguma queda em casa. Seus trajes davam indício de que estivera trabalhando ainda recentemente. Seu equilíbrio corporal era razoável, mas, tudo indicava sofrer de agudo problema físico e mental. Sem dúvida, carecia de ir ao médico, pois, à evidência, passava ele por uma crise. Talvez, nem a família soubesse que ele viera para a cidade.

Já sentados, pudemos prostrar. Enquanto charlávamos, eu o bombeava, disfarçado, assim como um quero-quero, sempre com meio olho dormindo e meio olho acordado. De um lado, cabia-me ouvir dele a razão de sua vinda e, de outro, é claro, proceder a uma sua breve análise psicológica, para apurar a credibilidade de suas palavras. Conversávamos, pois, e eu cumpria o adágio: *um olho na missa, outro no vigário*. Como eu constataria, sua conversa era amável, porém, lacônica. Não ia, desde logo, adiantando as suas queixas e, também, nada perguntava. Aguardava minhas indagações e, limitava-se a responder a elas. Também, não revelava emoções. Seus olhos, aparentavam normalidade funcional. Não eram fixos. Parecia ver regularmente. Não eram embaçados. Entretanto, não mirava em derredor, não demonstrava curiosidade pelos objetos do gabinete, não olhava para fora da janela. Concentrava-se em mim, assim, como se fora um autômato. Bah! Era um patricio parágrafo aquele, tchê! Tudo, quase certo, vindo do seu quadro doentio. Todavia, entendia com clareza o que lhe era indagado e, me respondia tudo adequadamente. Calmo nos gestos, não denotava personalidade ou temperamento violento, agressivo, nem mesmo nervoso. Até pode ser que fosse, de vero, constitucionalmente fleumático, mas, para mim, também, a calma excessiva dele se revelava patológica. Tudo isto ocupou-me curtos lances de observação atenta e, ligeiros registros mentais. A vivência na Promotoria de Justiça nos leva a aprender muito e, rapidamente. Hay que ser rápido e rasteiro, assobiar e chupar cana ao mesmo tempo e, viver trocando orelhas, atento ao que se ouve e, até ao que não se fala.

Pois, bueno, colegas, havendo mentalizado um retrato do consulente, por ora, baseado no seu aspecto físico e, ainda com poucas injunções psicológicas, tal o pretender ser um satélite artificial americano, nesse momento pude me dirigir ao meu interlocutor, para saber dele o motivo de sua visita. Agora, que o fizera assentar-se e, o deixara à vontade e, agora, que tirara um tempo da sua pessoa, iniciáramos a entrevista que, tanto poderia ser de cunho jurídico, como de orientação de ajuda. Ou, ambas. Doravante, minha anamnese haveria que ser ainda mais apurada. Eu mergulharia no seu psicológico e, aproveitaria para investigar como andava sua mente. Falei-lhe, então, amavelmente:

- *E, a que devo, Sr. Sputnik, o prazer de sua visita?*

Sua resposta foi rápida e concisa. Disse-me:

- *Os russos construíram um aeroporto lá perto de casa e, eu não consigo dormir.*

Bem, era essa a sua queixa. Tecnicamente, um provável caso contravençional, fosse verdade. Mantendo postura de como se entrasse na sua psicologia do momento, resolvi-me a mostrar-me empático, dar-lhe apoio emocional. Em poucas palavras, fui lhe dizendo:

- *É, bem o sei, meu senhor, como são estes tempos modernos! Vivemos todos em grande agitação! Eu ainda não sabia da construção de um aeroporto perto de sua casa. Ainda mais dos russos! Vou me informar sobre isso. Irei ver na Prefeitura, se foi concedido um alvará. Quero conhecer o projeto.*

Bueno, chegado a tal ponto do diálogo, vi que era momento de verificar como estavam seus dados psicológicos, sua memória, sua atenção, a capacidade de raciocinar livremente. Isso me seria muito simples. Bastava-me, mediante algumas perguntas, tentar desviá-lo de sua queixa principal, a ver se tornava a ela, de

modo coerente. Também, testaria o seu raciocínio a respeito do que é um satélite artificial. Então, marotamente, indaguei-lhe:

- *E, o senhor é um Sputnik que dá voltas apenas em redor da Terra ou, vai até à Lua também?*

Claro, satélites artificiais não são naves interplanetárias. Eles são projetados para realizarem cursos em redor de um planeta. Seria por demais, esperar que meu interlocutor soubesse disso e, nem era esse meu propósito, que se revelaria nas indagações seguintes. Novamente, ele respondeu, pronta e categoricamente:

- *Vou à Lua também.*

Bingo! Imaginei que ele responderia assim! Era o que eu esperava, para as próximas perguntas. A resposta dele abria, certamente, a hipótese de uma psicose megalomaniaca, mas, no seu quadro psicológico, mesmo sem ela, o consulente não queria perder a oportunidade de valorizar-se como um *Sputnik* interplanetário, isto é, tendo o curso Terra – Lua. Pois, bueno, foi aí que pude consumir o teste psicológico da coerência ou não da queixa em si, tentando desviá-lo do aludido problema com os russos, para os problemas físicos em torno da Lua. Na verdade, bastou-me pouca coisa para isso, já que lhe indaguei, à queima-roupa:

- *E, é muito frio por lá?*

Ele, porém, coerentemente, respondeu-me:

- *Sim! É muito frio! Mas, este não é o meu problema.*

Ótimo! (Cogitei). Ele parece raciocinar bem! Isso é bom! Vejamos se sua reclamação é consistente! E, prossegui:

- *Então, qual o seu problema?*

Sem pestanejar, repetiu-me, *in ipsa litteris*, sua queixa original:

- *Os russos construíram um aeroporto lá perto de casa e, eu não consigo dormir.*

Nesse ponto, pedi para ver sua carteira de identidade. Tinha só o título de eleitor. Me servia. Era de poucos anos antes e, nele, sua foto parecia mostrar outra pessoa: ali, era saudável, robusto. Agora, já tinha em mãos seu nome e dados eleitorais. Anotei-os. Perguntado, também declinou seu endereço de então. Era longe, residia em uma linha distante. Viera de ônibus e, tornaria assim. Daí, indaguei-lhe, no mais:

- *O senhor é um Sputnik casado ou solteiro?*

- *Sou um Sputnik casado.*

Anotei o nome da esposa, segundo ele me disse. Então, passei a considerar o caso, objetivamente, enquanto com ele ia proseando. Especulei, no meu foro íntimo, sobre diversas espécies nosológicas, dentre psicoses, psicopatias e neuroses. Seria ele vítima de um quadro de delírio? Alucinação? Mania? O delírio, se caracteriza pela supervalorização de ideia, que é fixada na mente, como correspondendo a uma verdade e que, todavia, não confere com a realidade, podendo ou não ter, por base, algo que se percebeu no mundo exterior. Leva a interpretações errôneas, falsas conclusões. Meu consulente se julgava um satélite artificial americano e, incomodado pela presença dos russos. É claro que não deve ter visto, realmente, qualquer satélite, salvo se muito

alto no céu, como mera luzinha caminhando pelo espaço. Não deve ter sido assim. Eles são ainda raros. Simplesmente, deve ter-se impressionado com a notícia dos seus lançamentos. Basicamente, iria fixar na mente qualquer outra coisa. Coincidentemente, os *Sputniks* estão na moda. Já a alucinação, com ou sem maior fixação, é assim como o delírio, uma falha interpretativa, mas, que depende de estímulos sensoriais de algo que se vê ou se ouve, se tateia, por exemplo. Sim, meu consulente deve ter ouvido comentários a respeito de tais satélites ou, ouviu sobre eles pelo rádio, como toda gente tem feito. Daí a sua fixação mental. Quanto a estarem os russos o incomodando com a construção de um aeroporto, poderia ser que fosse associação de ideias com o julgar-se um satélite artificial americano. Em tempo guerra fria, o conflito se terá manifestado no seu delírio ou quadro alucinatório. Era mesmo possível que houvesse, realmente, gente estranha trabalhando perto de sua moradia, construindo, mesmo fazendo barulho. No mais, o quadro clínico poderia ou não envolver mania. Era, evidentemente, um assunto psiquiátrico. Achei possível que o infeliz homem sofresse de uma síndrome alucinatória delirante primária, algo menos grave, tal e qual a descreve o psiquiatra Dr. José Alves Garcia, no seu já por mim referido *Compêndio de Psiquiatria*, pois, no breve contexto de sua narrativa, pude perceber que, mesmo manifestando ideias delirantes, não obstante, mantinha boa coordenação motora e suficiente equilíbrio emocional, para não ser perigoso para si ou terceiros e estava, razoavelmente, consciente das coisas do mundo exterior a si; no mais, tinha noção do poder da autoridade civil e buscava ajuda; podia viajar sozinho, pois, viera, assim, de lugar distante, usando do transporte coletivo e, ademais, dialogava com certa racionalidade, mantinha boa ordem e correção no pensamento, expunha sua preocupação e reclamação e, nela se mantinha de modo coerente, não se perdendo, confusamente, na sua linha de argumentação. Caso típico de delírio na ideação, de origem aparentemente não alcoólica. De outras drogas, não se cogitava na região e, nele não notei indícios. Ao que depreendi, como dito, não tivera outros prejuízos na consciência, percepção, atenção, afetividade, linguagem, memória, vontade e atividade. Por isso, apostaria numa síndrome delirante primária, alucinatória ou não, clamando por medicação. Enfim, caros colegas, tornou-se evidente, para mim, que aquele senhor necessitava de socorro médico e, com a devida urgência.

O consulente estava em crise e necessitava de sair dela para logo, sob pena de ter que ser internado. Visivelmente, perdera muito de sua saúde em curto espaço de tempo. Dentre as possibilidades, estava a de que tivesse ele se omitido em tomar alguma medicação prescrita por clínico, o que poderia explicar um retorno da síndrome delirante, má alimentação e, conseqüente depauperamento físico. Como curador de incapazes e de família, me competia também, preventivamente, buscar trazer até a mim sua esposa ou mais parentes, para que lhe fosse assegurado um tratamento médico, mas, era-me fácil levá-lo a um médico de confiança e para logo: os dois únicos médicos da cidade eram já meus ótimos amigos e, com certeza, o atenderiam de bom gosto e, de imediato, atendendo a pedido meu. Nem seria a primeira vez que lhes confiava enfermos. Ambos atendiam em consultórios situados no hospital, ali pertinho. Ofereci-me para levá-lo ali e, concordou. Afirmei que relataria ao médico tudo o que fosse preciso, inclusive, o caso dos russos e, ele aceitou de bom gosto. Antes, porém, argumentei que, sendo ele casado, eu deveria preparar uma cartinha, convidando sua esposa a vir ver-me com brevidade, para que eu a instrísse, pois, disse-lhe:

- Não adianta muito eu mandar uma intimação para os russos irem embora, se a Sra. sua esposa não vier assinar uma queixa também, porque, por igual, eles a devem estar incomodando. Uma reclamação do casal terá mais força.

- Era este um raciocínio lógico e, ele concordou plenamente. Minha intenção, é claro, era saber da esposa detalhes da vida pregressa do marido e, falarmos do seu tratamento médico, além de saber, dela, de onde se podia originar aquela fantasiosa queixa dele sobre um aeroporto dos russos. Preparei a carta à sua mulher e, ele a levou consigo. Daí, saímos e fomos ao hospital. Descobri, ali, que os dois médicos o já conheciam e, o haviam atendido. Sabiam de seus problemas, de suas fixações mentais. Médico do interior, conhece quase todo mundo. Na verdade, o que o atendeu a meu pedido, até agradeceu-me por havê-lo encaminhado. Era já fichado na sua clínica. Medicou-o, prescreveu-lhe o que convinha e, permitiu que se fosse, para que pegasse o ônibus, de retorno

ao lar. O consultante despediu-se de mim e partiu, levando consigo minha cartinha para sua esposa. O doutor, porém, preveniu-me:

- Ele voltará! Quando se sente melhor, não toma mais a medicação e, a crise se reinstala. Apreciei falar contigo. O tranquilizaste. Agora, é ele um Sputnik. A qualquer momento, chegará na Promotoria, se dizendo alguma outra coisa. (E, em meio a gostosa risada): Não duvide que venha se dizendo ser um Fusca ou, um Chevrolet!

E, o promotor de justiça, findando sua curiosa narrativa, afirmou mais que a esposa do Sputnik não o veio procurar, sendo respeitada a decisão dela. O assunto, ademais, já estava sob o controle dos médicos da cidade.

Seguiram-se comentários dos ouvintes:

- Puxa vida! Que história!

- Fala sério! Você não inventou isto?

- É um conto! É um conto!

O colega narrador, porém, confirmou ter dito a mais pura verdade. E, todos creram nele. Daí, sucedeu que um dos circunstantes, promotor ainda novo na carreira e, nos anos, não resistindo à curiosidade, indagou-lhe sobre onde aquilo se dera, porém, o tal promotor de justiça saiu-se com uma frase que, com certeza, a todos sensibilizou, como uma lição de ética profissional. Pelo seu valor, incorporo-a, aqui, na sua narrativa:

- Prezado colega, embora eu não tivesse um compromisso de sigilo para caso tão simples e, pelo visto, publicamente conhecido, prefiro não lhes dar detalhes que digam respeito à intimidade do consultante. Por isso, intencionalmente, me omiti aqui em identificações de pessoa, lugar e tempo. Tratou-se de um homem sofrido e que veio apresentar-me sua queixa, no que julgava ser vítima de contravenção de perturbação do sossego por atividade ruidosa, mas que, na verdade, era suposição que decorria de seu mal mental e, ele não tinha noção disto. A partir de tal constatação, adotei uma atitude de apoio psicológico preventivo e, então, o sigilo tornou-se no mínimo recomendável. O consultante não padecia de enfermidade contagiosa. Não me pareceu oferecer risco social. Seu delírio ou alucinação não era um assunto judicial e público, mas, totalmente privado. Na sequência, o informe de seu médico veio referendar minha cautela. Não podia e não poderei, jamais, trair sua confiança. Minha atitude não há de ser diferente da do psicólogo analítico Carl Gustav Jung que, durante uma entrevista jornalística, sendo indagado sobre o que Sigmund Freud – morto há muitos anos – lhe confidenciara ao ser por ele psicanalisado, o velho psicoterapeuta lhe respondeu, de modo peremptório: - Certas coisas, devem morrer conosco!

Os colegas, visivelmente, deram mostras de que apreciaram o que ouviram e, a coisa poderia se encerrar por aí, porém, sucedeu que um promotor de justiça dos mais veteranos, muito do brincalhão e, entrevendo uma falha no término da inaudita narrativa, judiciosamente indagou do narrador, como a pedir-lhe a continuidade da história:

- Mas, colega!? E, os russos? Como terminou essa história dos russos?

Pois, lhes digo que foi nesse ponto que aquele promotor de justiça revelou um outro aspecto de sua personalidade, talvez, não de muitos conhecido, qual seja o do seu lado chistoso, pois, com um sorriso rasgado qual cordeona em bailanta, retomando da palavra, saiu-se com este primor de fecho:

- Pois, bueno, meu caro colega! Passado um par de dias, depois dos fatos aqueles, estávamos eu e minha querida prenda proseando alegres, ao cabo da tarde e, apoiados no peitoril de uma janela de nossa moradia, chimarroneando de mano, muito felizes e, palreando como duas alegres caturritas. Contemplávamos, embevecidos, o pôr do sol e, a beleza do anoitecer que se avizinhava, quando vimos, surpresos, que na linha do horizonte, justo lá para as bandas do sítio do consulente o dito, coisa de duas léguas, um baita fogaréu se ergueu do chão, num forte clarão. Em coisa de dois segundos, chegou até nós o som de fortíssima explosão, seguida do barulhão infernal de poderosos motores e, foi daí, no lusco-fusco que precede a vinda da noite, que vimos subindo para o céu aquela imensa astronave, parecendo estar em fuga, ganhando as alturas. Ainda pude ver que, no lombo branco, trazia gravada uma grande estrela vermelha e, as letras CCCP. Também, a foice e o martelo. Não havia dúvida. Era uma nave russa. Nisto, minha prenda, rompendo o silêncio do seu espanto, me indagou, assim, meio que de queixo caído:

- Pero, que será aquilo, marido? Que cousa será aquela explosão?

Eu lhe respondi, simplesmente:

- Ora, meu bem! São os russos! E, estão partindo!

E ela:

- Russos? Mas, que russos, homem de Deus?

Eu, porém, caros colegas, desconversei. Me fechei em copas. Afirmei que deveria ter explodido a caldeira de alguma locomóvel e que, mais tarde, iria prosear com o delegado, a ver se apurara o que fora aquilo e, se houvera feridos. Ela não sabia nada do Sr. Sputnik. Nem deveria saber. Eu não lhe falara a respeito. O sigilo profissional, colegas, nos acompanha na vida do lar.

E, nisto cingiu-se a verídica história. Nem seria necessário seu narrador nos dizer que não houvera russo algum. Já o sabíamos! Porém, o prezado colega, aproveitando a deixa, não resistira a um tal desfecho galhofeiro. E, tudo terminou em uma gargalhada geral. O bar estava bem movimentado, naquela tarde. Mais promotores de justiça foram se achegando e, a prosa correu solta, divertida e produtiva, pois, dentre tiradas hilariantes, ouvimos ótimas e belas lições profissionais e de vida. Eu, porém, desde então, fico cismando se, promovendo por esta linda terra catarinense, não me entrará um dia no gabinete assim, de inopino, um homem magro, de rosto escavado e que, o dedo alçado, para chamar-me a atenção, se apresentará com um lacônico:

- Eu sou um Sputnik!